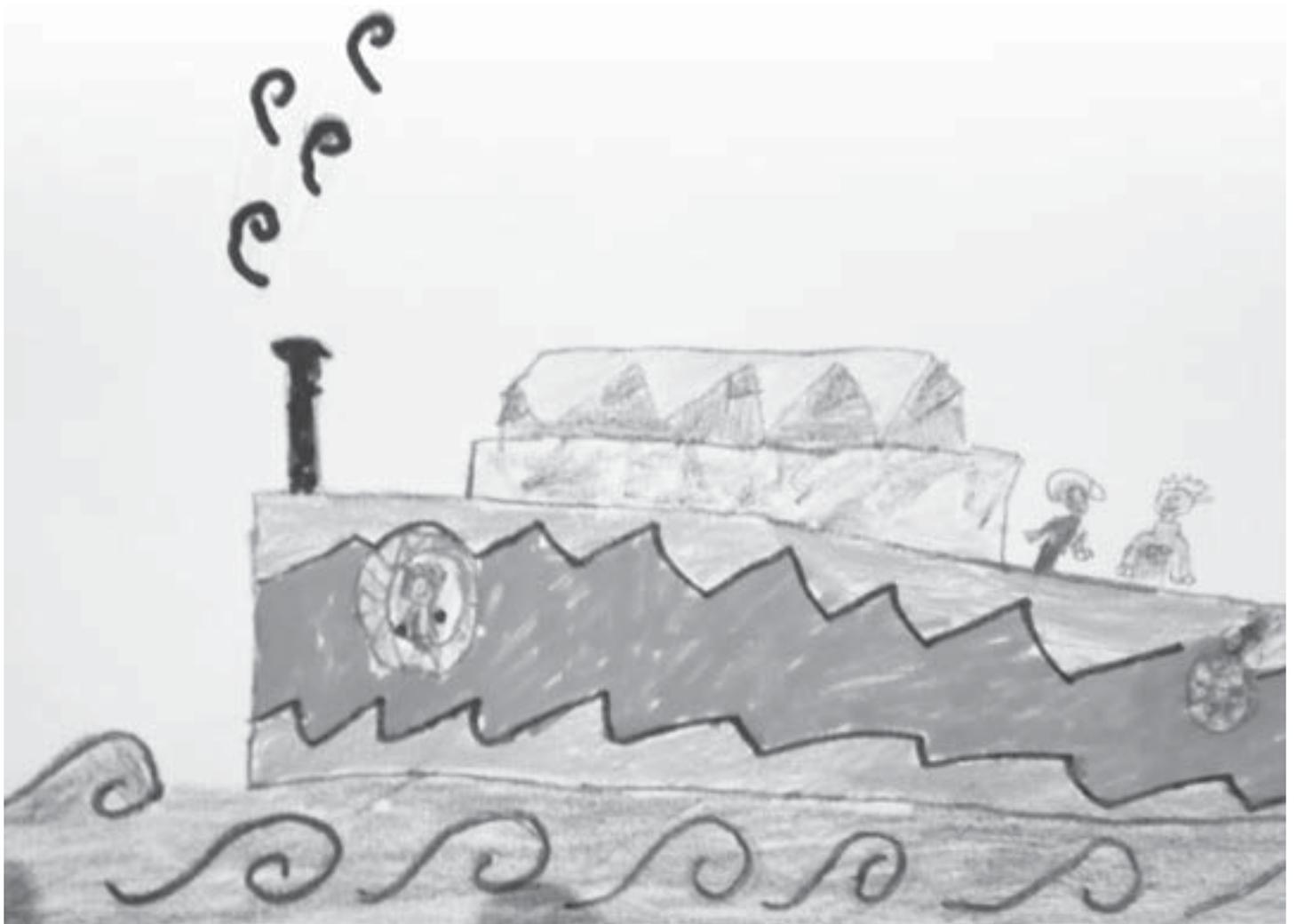


Era uma vez... Entre sons, músicas e histórias

Maria Cristiane Deltregia Reys



Maria Cristiane Deltregia Reys

cris_reys@hotmail.com

Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), licenciada em Música pela mesma universidade e bacharel em Música – violoncelo pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Desenvolve trabalhos voltados ao ensino de música na escola básica, ensino instrumental e formação de professores. Faz parte do grupo de pesquisa (CNPq) Formação, Ação e Pesquisa em Educação Musical (Fapem) e Projeto Arte na Escola – polo UFSC. É professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Resumo: O texto apresenta ideias para o ensino de música na educação básica a partir da sonorização de histórias, sendo abordadas diferentes perspectivas para o trabalho do professor especialista e não especialista em música. Atividades com histórias são um meio eficiente de desenvolver conteúdos musicais, envolvendo e motivando as crianças para o fazer musical. A proposta possibilita integrar diferentes tipos de histórias a atividades de composição, apreciação e *performance*, potencializando o desenvolvimento da expressão, percepção, interpretação e criatividade em música. As histórias sonorizadas representam ainda um meio de articular as linguagens artísticas em uma proposta curricular integrada.

Palavras-chave: educação musical; música na escola básica; histórias sonorizadas

Once upon a time... Between sounds, songs and stories

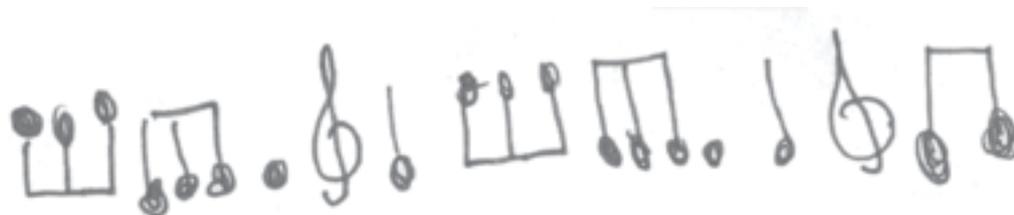
Abstract. *The text presents ideas for music teaching in basic education from music stories, being addressed different perspectives to the work of specialist and not specialist music teacher. Activities with stories are an efficient mean to develop musical contents, involving and motivating children to the musical experience. The proposal makes it possible to integrate different types of stories to the compositional activities, appraisal and performance, leveraging the development of expression, perception, interpretation and creativity in music. The musical stories still represent a mean to articulate artistic languages in an integrated curriculum proposal.*

Keywords: *musical education; music at the basic school; music stories*

REYS, M. C. D. Era uma vez... Entre sons, músicas e histórias. *Música na Educação Básica*, v. 3, n. 3, p. 68-83, 2011.

Entre as várias maneiras de se abordar a música como área de conhecimento com objetivos e conteúdos próprios, a sonorização de histórias apresenta-se como um tipo de atividade prática que envolve facilmente as crianças. As histórias representam um meio eficiente de se trabalhar conteúdos musicais como percepção, caráter expressivo e forma, o uso da voz e o manuseio de instrumentos, a partir de atividades consideradas prioritárias no processo de desenvolvimento musical dos alunos. Assim, atividades de composição, apreciação e execução podem estar articuladas em um processo lúdico, no qual a experiência musical favorece a compreensão de conceitos específicos.

Sonorizar histórias se constitui em tornar sonoro um enredo, ou partes dele, em fazer soar uma trama, seja por meio da voz ou de objetos e instrumentos. Nesse tornar sonoro, a utilização de sons ou de melodias passa a fazer parte da narrativa.



Muitas são as histórias ou os tipos de histórias sonorizadas que encontramos em nossas salas de aula. Há aquelas que contêm sons produzidos no intuito de ambientar a narrativa, na qual efeitos sonoros são produzidos de modo a carregar as cenas de expressão e estimular a imaginação dos ouvintes. É a técnica da sonoplastia! Quem não ouviu falar das novelas de rádio, ouvidas e contadas por nossos avós? Em nossa prática nas escolas também podemos encontrar esse tipo de histórias cuja produção de sons é recheada de imaginação e criatividade. Cocos, tambores, chocalhos, folhas de raios X, caixas de isopor, tampinhas, sacos plásticos, instrumentos musicais, percussão corporal e uma infinita variedade de objetos são utilizados para esse fim. Na busca por timbres e sonoridades, as histórias potencializam aprendizagem e diversão, e ampliam as ideias de música dos alunos.

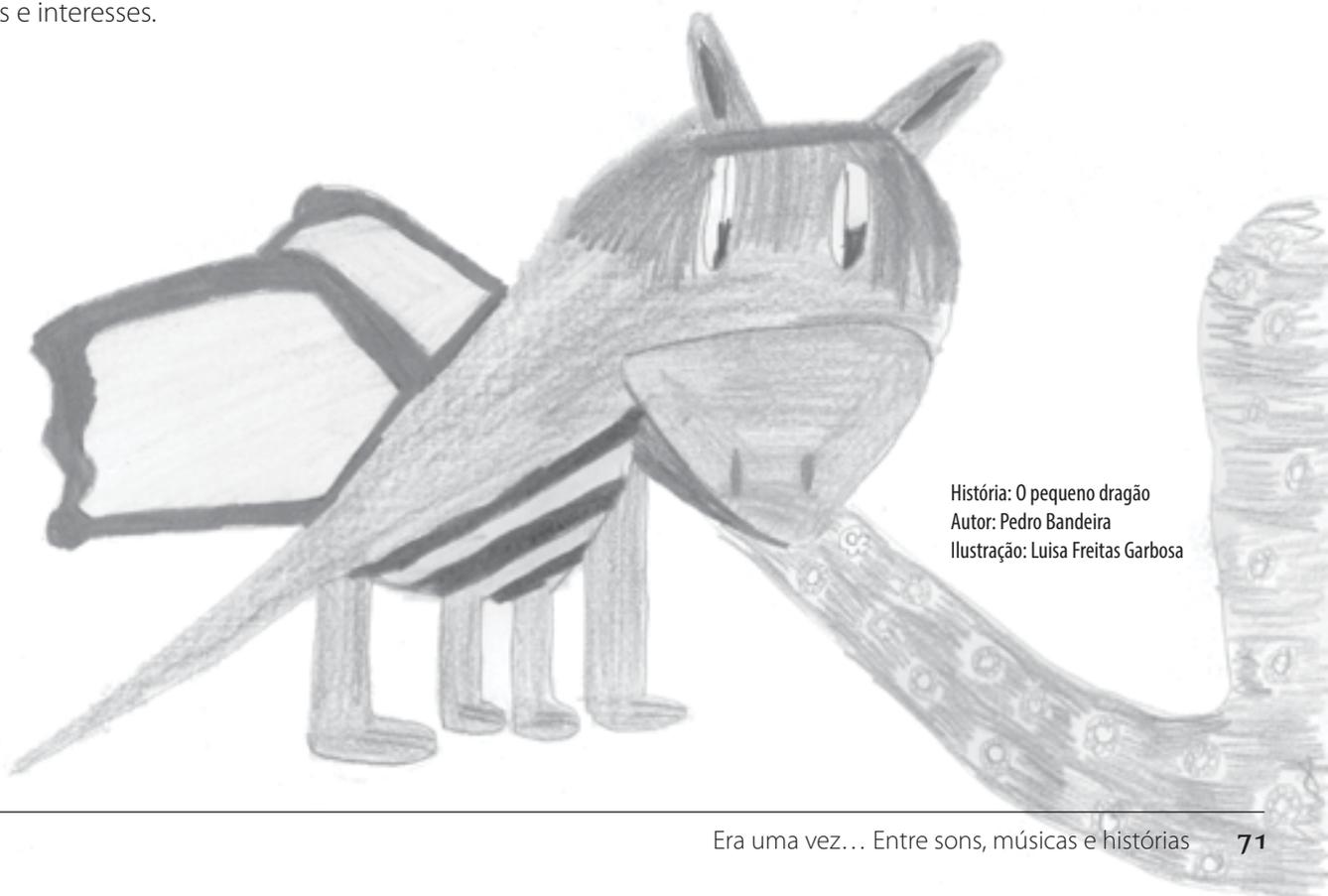
Outro grupo de histórias inclui aquelas que contêm canções que ilustram alguma "cena", enfatizam acontecimentos ou caracterizam personagens, distinguindo-os e ambientando-os na narrativa. As canções integram o conjunto sonoro da história, cujas melodias abrem, encerram ou recheiam o texto, constituindo a trilha sonora. Assim, as melodias podem ser compostas especialmente para a história ou configurarem canções tomadas de empréstimo do cancionário popular. Muitas histórias com música são acrescidas ainda de efeitos intercalados às canções.

Há ainda algumas histórias que são cantadas integralmente, cujas melodias conduzem a narrativa. Essas histórias, ou canções que contam histórias, também fazem parte do repertório desenvolvido pelo professor na aula de música, cujos enredos e melodias podem ser criados de forma coletiva pelo grupo.

Entre as muitas histórias que já ouvimos, certamente há inúmeras combinações e variedades que vão muito além do aqui apresentado. Além disso, é bom lembrar que as histórias se constituem em passagens para mundos imaginários, para culturas distantes, com personagens, sons e melodias que encantam crianças e adultos.

Assim, além do desenvolvimento em música, é possível considerar inúmeras outras possibilidades que o trabalho de educação musical relacionado à sonorização de histórias representa no contexto da sala de aula. Entre elas, poderíamos mencionar o desenvolvimento da criatividade, da responsabilidade com o grupo (e com o trabalho de criação em grupo), a sociabilidade, o favorecimento da livre expressão de ideias e a articulação com outras áreas do conhecimento. Há que se enfatizar, sem dúvida, que as histórias sonorizadas, muitas vezes, podem significar a integração das diversas linguagens que englobam a área de arte, ou seja, teatro, dança, artes visuais e música, a partir da expressão corporal, criação de cenários e figurinos, sonorização e composição.

Há ainda o respeito às limitações e à personalidade de cada um na medida em que o trabalho permite um leque de inúmeros tipos de participação. Se por um lado há espaço para valorizar as habilidades técnicas que um determinado aluno possui em relação a um instrumento musical, por exemplo, por outro lado há espaço para alguém que ainda não teve nenhum contato direto com a música. As atividades tendem a valorizar as diferenças incluindo alunos com histórias de vida diversas, além de uma variedade de gostos e interesses.



História: O pequeno dragão
Autor: Pedro Bandeira
Ilustração: Luisa Freitas Garbosa

O que dizem os mestres?

Autores da área de educação musical ressaltam a importância da história no dia a dia das crianças como meio de desenvolver a escuta e a fala, além de promover reflexões sobre questões afetivas e valores. Para Brito (2003, p. 163), entretanto, a sonorização de histórias enquanto “situações de exercício musical” deve priorizar o som, sendo “preferível trabalhar com histórias não muito longas, com textos simples, que permitam que se dê atenção à sonorização”.

A autora lembra que é possível



“[...] pesquisar e experimentar os mais diversos sons vocais: imitar as vozes de animais, o barulho da água, do trovão, o ruído de portas abrindo ou fechando, o ronco de motores... Também podemos explorar os sons produzidos com o corpo: batendo palmas de diferentes maneiras (palmas abertas, em forma de concha, com a ponta dos dedos na palma, com suavidade, com força), batendo nas pernas, no peito, batendo pés, produzindo estalos...” (Brito, 2003, p. 163)

Para Bergmann e Torres (2009) a sonorização de histórias abre interessantes caminhos para trabalhos interdisciplinares como a parceria entre música e literatura. As autoras afirmam que englobar a dimensão sonora ao ler uma história



“[...] possibilita ao aluno explorar sua autonomia, desenvolvendo e exercitando sua memória, seu raciocínio, sua capacidade de percepção e sua criatividade. Esse indivíduo criativo é um elemento importante para o funcionamento efetivo da sociedade, pois é ele quem faz descobertas, inventa e promove mudanças.” (Bergmann; Torres, 2009, p. 197)

Nessa perspectiva de leitura, o leitor interage/dialoga com os escritos do autor. A sonoridade introduzida pode determinar graus de tensão, de dramaticidade ou de alegria, passando o leitor a assumir um papel de intérprete cuja leitura não se encerra no texto escrito. Nesse processo, as ilustrações presentes nos livros de histórias para crianças certamente sugerem sons.

Voltando à interdisciplinaridade, a escolha de uma atividade como a sonorização de histórias na aula de música ou na disciplina de língua portuguesa, por exemplo, pode transformar uma simples canção ou uma simples leitura em uma experiência significativa.

Quanto aos conteúdos específicos da área, esse tipo de atividade abre caminhos para se trabalhar diversos deles. Frederico (2007) enfatiza o registro musical, aspecto que será abordado também neste artigo. A autora lembra que registrar o que é criado pelo

grupo pode significar uma necessidade, pois a grafia permite lembrar uma sequência de acontecimentos sonoros, quais os materiais/instrumentos utilizados, além de outros detalhes como caráter expressivo, nuances de dinâmica, informações sobre altura, duração dos sons, mudanças de timbre, entre outros.

Você sabia...

... que a notação musical tradicional foi inventada por um monge beneditino italiano chamado Guido d'Arezzo pela necessidade de registrar com maior precisão os hinos religiosos? Ele também deu o nome às sete notas musicais a partir da letra do hino a São João Batista:

***Ut queant laxis
Resonare fibris
Mira gestorum
Famuli tuorum
Solve polluti
Labbii reatum
Sancte Johannes***



Para França (2010), a alfabetização escrita e musical faz parte do desenvolvimento do sujeito como ser social. Entretanto, a maneira como essa alfabetização ocorre, com maiores ou menores “imposições da fase de letramento” (França, 2010, p. 10), interfere diretamente na liberdade de criação e interpretação musicais. Nesse sentido, grafias alternativas, denominadas também de notação musical analógica, representam para a autora “um recurso facilitador da *performance*” (ibid., p. 11).

A notação analógica, acessível às crianças por não apresentar regras preestabelecidas, pode significar uma opção de escrita com maiores ou menores níveis de precisão. Assim, esse tipo de notação permite o registro do evento sonoro sem deixar de conferir liberdade ao intérprete, ou seja, a intenção de registrar permanece, porém não restringe a leitura à habilidade de ler uma partitura tradicional. É bom lembrar que na música contemporânea vários compositores têm optado por esse tipo de grafia, justamente pensando em uma maior participação do intérprete.

Com base em estudos de Vygotski, Frederico (2007, p. 5) lembra ainda que a grafia musical como parte do processo de sonorização de histórias tem valor ao exercitar a criatividade e construir conhecimento musical, não importando como “escrevem as crianças, mas sim que elas mesmas são suas autoras, as criadoras, que se exercitam na imaginação criadora, na sua materialização”.

Como fica o planejamento?

Em qualquer situação pedagógica, o tema “história sonorizada” pode fazer parte do contexto da sala de aula. Se você quer utilizar esse recurso na aula de música, ou se há em seu planejamento a “hora do conto”, ou ainda se você pretende desenvolver um projeto com outras disciplinas, há sempre a oportunidade de trabalhar os conteúdos musicais a partir das histórias. Não há, entretanto, uma receita que nos diga como e em que momento iniciar esse tipo de atividade.

Há também uma situação em especial, quando um tema surge espontaneamente entre os alunos. Um filme em cartaz no cinema, uma atividade realizada na aula de educação física, uma festa na escola, o passeio no final de semana ou até mesmo um modismo lançado pela mídia podem gerar um tema e resultar em momentos de intenso aprendizado com marcantes experiências musicais.

Assim, a atividade pode ser planejada detalhadamente pelo professor ou surgir naturalmente, levando-o a modificar o planejamento. Também pode ser desenvolvida em etapas, em várias aulas de música, de modo que em cada aula o trabalho seja retomado e continuado até que ganhe forma. O resultado poderá ser significativo, podendo ser registrado em áudio e vídeo para apreciação e avaliação do grupo, ou até mesmo culminar em uma apresentação na escola.



Antes de iniciar o trabalho, é preciso escolher o tema ou a história, elencar materiais, traçar objetivos e conteúdos. É preciso questionar:

- A temática é adequada à faixa etária?
- Quais os recursos materiais disponíveis?
- Que conteúdos desejo trabalhar?
- Com que objetivos a atividade será desenvolvida?

Durante o trabalho, é preciso analisar, organizar, combinar e decidir junto ao grupo:

- Quais são os personagens?
- Haverá um narrador?
- Em quais momentos haverá sons e canções?
- De que modo serão organizados os elementos sonoros a fim de dar expressão às cenas?
- Quais serão os recursos materiais utilizados?

Recursos materiais

Certa vez, em uma escola que eu trabalhava, havia uma professora muito louca, de cabelos vermelhos e riso fácil. Ela era responsável pela “hora do conto” e em sua sala havia, entre outras coisas, um baú. Eu acho que esse baú era meio mágico, pois dele saiam coisas inacreditáveis! Minha sala ficava ali perto e às vezes eu tinha era vontade de errar de sala, só para ver o que é que havia escondido no baú.

Na verdade, o baú fazia parte do planejamento, e conforme a história o seu conteúdo mudava. Os olhinhos brilhavam, a imaginação ia longe e literalmente as crianças entravam na história junto com a professora, aliás. Esse é um ponto importante: entre na história, entre na música, vire criança, passe por debaixo da mesa. Já experimentou? Eu já, e é bom demais!

Entre os recursos ou materiais didáticos, há vários que podem nos auxiliar na sonorização das histórias, entre eles os CDs, os bonecos, os fantoches, os dedoches, gravuras em EVA, instrumentos musicais tradicionais ou alternativos¹, copos de plástico, folhas de plástico ou papel, jornal, conchinhas do mar, tampinhas de todo tipo, água, brinquedos e um número incontável de bugigangas facilmente encontradas em bazares.

Esse é meu ajudante Fritz



Gostaria de ressaltar que os bonecos e os fantoches, a depender do tratamento dado a eles, acabam tomando o papel de ajudantes, coadjuvantes e até mesmo de personagens das histórias criadas em salas de aula. Da mesma forma, os dedoches auxiliam a soltar a imaginação e com ela a criação dos efeitos sonoros. São baratos, fáceis de fazer em EVA, feltro ou tecido, e em vários sites da internet há modelos para sua confecção.



Dedoches de feltro.



1. Pode-se conseguir um ótimo efeito sonoro construindo instrumentos com material reciclável.

E agora? Mãos na massa!

Clássicos infantis

Eu não poderia começar de outro jeito, senão lembrando as histórias da minha infância. Quando comecei a trabalhar como educadora musical, fiz o que imagino que muitos professores fazem, recorri às memórias. Lembrei das aulas de música na pré-escola, das brincadeiras de roda, das bandinhas e das canções. Lembrei também dos disquinhos coloridos que meu pai comprava para mim.



A coleção “Disquinho”, da gravadora Continental (selo da Gravações Elétricas), foi lançada, inicialmente, nas décadas de 1940 e 1950 (Mariani, 2011, p. 48). Dirigida por João de Barro, o Braguinha, compositor de marchinhas de carnaval, a Continental foi escolhida pela “Disney Company para fazer as primeiras versões dos filmes de Walt Disney para o português: *Branca de Neve, Pinóquio e Alice no País das Maravilhas, dentre outros*” (Matte, 1998, f. 52).

Estas são duas das minhas histórias preferidas, dê uma espiada e é claro, preste atenção às possibilidades sonoras e às músicas, elas são sucesso garantido!



Sites

http://www.4shared.com/account/file/92336003/a47c8e6f/disquinho_-_O_Cabra_Cabrez.html

http://www.4shared.com/account/file/131694005/cf275ab0/disquinho_-_O_lobo_e_os_tres_cabritinhos.html



Os Três porquinhos não poderiam faltar!

Os três porquinhos é um conto de fadas provavelmente datado do século XVIII que se tornou bastante conhecido a partir da versão em animação feita pela Disney em 1933. Foi essa versão que adicionou nomes para os porquinhos: Cícero, Heitor e Prático (em português) ou *Fifer Pig, Fiddler Pig e Edmund Pig* (em inglês).

Uma história antiga e cheia de sons, boa para começar a aventura. Você pode utilizar um livro, contar a versão que mais gosta ou ainda usá-la para criar outra. Experimente usar lixas para produzir o som do serrote, pauzinhos, plásticos ou jornais. Além de explorar os timbres e outros materiais da música, é possível trabalhar conteúdos como caráter

expressivo e forma. Não se esqueça das muitas possibilidades a partir de sons vocais e corporais que os alunos podem criar.



Os três porquinhos – Coleção Disquinho

http://www.4shared.com/audio/5G41dzTp/disquinho_-_Os_Tres_Porquinhos.htm

Ressalto, entretanto, que é necessário estar atento aos conteúdos e mensagens presentes em produtos disponíveis na mídia. Para Giroux (1995, apud Bozzetto, 2000, p. 110), por trás de um trabalho estético cenográfico e musical ricamente estruturado, filmes como os da Disney carregam, muitas vezes, “estereótipos de gênero, posições raciais, de classe, valores e modelos. Tudo isso numa atmosfera mística que nos faz sentar numa agradável poltrona e sentir prazer, desejo e uma incômoda satisfação midiática.” É preciso utilizar esses recursos com consciência crítica a fim de adequá-los às nossas necessidades sem ignorar ideologias e filosofias neles impregnadas. A partir das histórias, entretanto, podemos criar sons, músicas, novas versões e aproveitar a atividade para abordar conteúdos musicais.

A música como ponto de partida

Às vezes temos simplesmente uma canção e ela pode nos fazer viajar e imaginar. Aliás, com criança e música é bem provável que isso aconteça.

Frère Jacques é um bom exemplo de canção que sugere uma história e variações para vivenciar a música:

- Frei Martinho pode acordar com preguiça!
- Pode estar atrasado!
- Pode acordar alegre!
- Ou triste!
- Pode acordar de mau humor!

Versão em português:

Frei Martinho
Sobe a torre
Pra tocar o sino
Ding, deng, dong!

Frère Jacques

Tradicional francesa

Voice

Frè re Jac ques Frè re Jac ques Dor mez vous? Dor mez vous?

5
Son nez les ma ti nes Son nez les ma ti nes Ding Ding Dong Ding Ding Dong

O trem de ferro do nosso folclore também é uma fonte de inspiração:

- Vamos fazer um passeio de trem?
- Para onde vamos?
- O que iremos levar?
- Como é o som do trem partindo da estação?
- E subindo a montanha, descendo, entrando no túnel?
- E passando pela cachoeira ou entrando na floresta escura?
- E o apito do trem?
- E a movimentação dos passageiros?
- E o maquinista?

**O trem de ferro
Quando sai de Pernambuco
Vai fazendo fuco-fuco
Até chegar no Ceará**



Você sabia que o tema “trem” tem inspirado muitos artistas e gerado inúmeras obras de arte? Que tal criar ou viajar com outros trens?

Trenzinho, de
João Gilberto

Maria fumaça, de
Cecília Cavaliéri França

O trem de ferro, com
poema de Manuel
Bandeira e música de
Tom Jobim

O trenzinho do caipira,
de Heitor Villa-Lobos

O trenzinho do caipira,
de Villa-Lobos com letra
de Ferreira Gullar, na
voz de Zé Ramalho

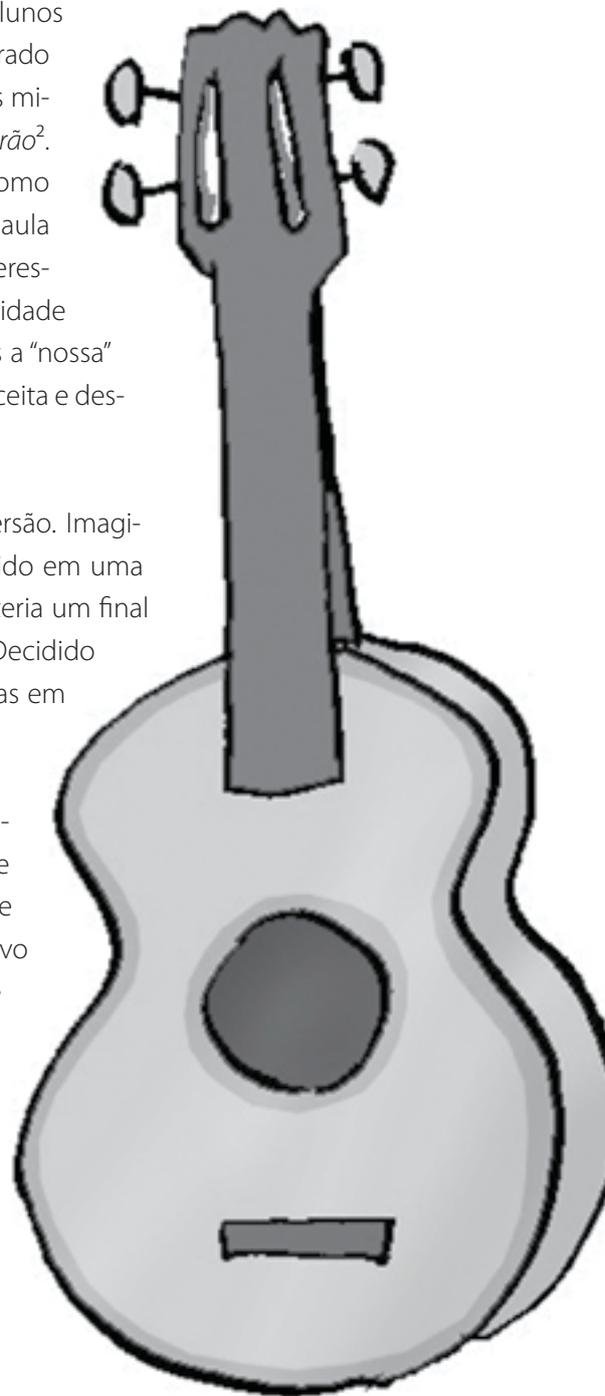


Criando histórias

Trago aqui o relato de uma experiência junto a um grupo de alunos de musicalização na faixa etária de 6 a 7 anos de idade. Havia preparado a aula e daria continuidade ao assunto da semana anterior. Duas das minhas alunas, entretanto, haviam assistido na véspera ao filme *Tubarão*². Estavam muito impressionadas com a história do filme e relatavam como o tubarão atacava as pessoas na praia. Após ouvi-las tentei iniciar a aula como de costume, mas logo percebi que o tema trazido por elas interessava a todos e poderia ser explorado a fim de podermos dar continuidade ao trabalho de musicalização. Foi então que propus que fizéssemos a “nossa” história do tubarão. Como esperado, a proposta foi imediatamente aceita e despertou grande interesse da turma.

Iniciamos imaginando como gostaríamos que fosse a nossa versão. Imaginamos o cenário, os personagens e os acontecimentos, tudo inserido em uma paisagem sonora.³ As crianças decidiram que a nossa história não teria um final trágico: nem pessoas, nem tubarões sairiam machucados da trama. Decidido isso, escrevemos tópicos a serem desenvolvidos e dividimos as cenas em quadros.

As crianças se encarregaram de fazer desenhos que representassem essas cenas. Depois de pronta a história, passamos à fase de composição da trilha sonora. Nessa etapa, um misto de atividades de apreciação e manipulação de elementos sonoros teve como objetivo descrever por meio de sons o ambiente no qual acontecia a ação e a sequência de acontecimentos que viriam após o quadro inicial. Para tanto foram utilizados instrumentos como piano, xilofone, pau de chuva, flauta de êmbolo, objetos como tampinhas de metal, conchinhas do mar e as vozes das crianças. Trago aqui alguns desenhos das crianças e etapas do processo de sonorização que registrei em meu diário:



2. Filme de Steven Spielberg, baseado no romance de Peter Benchley, com trilha sonora de John Williams.

3. O termo “paisagem sonora”, divulgado pelo compositor e educador Murray Schafer na década de 1960, refere-se às características sonoras de um determinado ambiente, ou seja, cada ambiente tem sua própria paisagem sonora. Para Schafer (2001), o termo pode referir-se a ambientes reais ou a composições musicais que retratam um ambiente.



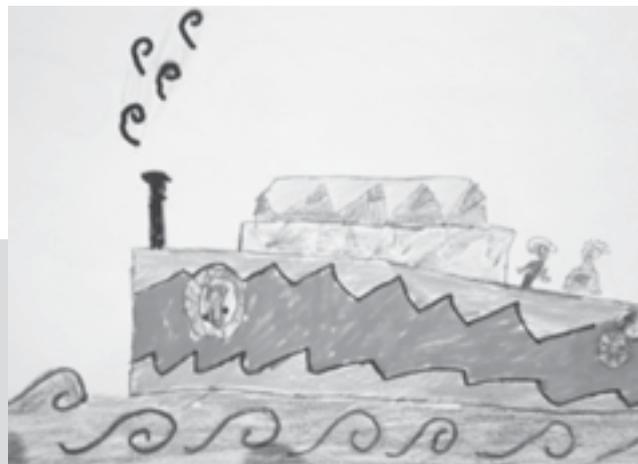
Figura 4. Ataque do tubarão.



[...] ouvimos, experimentamos e escolhemos sons de instrumentos alternativos para representar os sons dos pássaros, o apito do sorveteiro e as ondas do mar, enfim, sonorizar as diferentes cenas. Os paus de chuva foram mantidos em “ostinato”, pois as ondas não podiam parar nunca. Para dar dramaticidade ao momento em que o tubarão se aproximava, utilizamos o piano, com muitos sons graves e agudos ao mesmo tempo, em um crescendo, até que, no momento do ataque do tubarão, as crianças bateram forte com os braços nas teclas, provocando muito barulho.



Figura 5. Barco salva-vidas.



[...] o som do barco salva-vidas foi representado também pelo piano, onde uma criança tocava “sem parar” um intervalo de terça menor. [...] De volta à tranquilidade da praia, podia-se ouvir novamente as crianças brincando, os pássaros cantando e o apito do sorveteiro.

A partir da escuta e organização dos sons, os elementos “forma” e “caráter expressivo” foram naturalmente vivenciados pelas crianças. Aspectos extramusicais como cooperação, envolvimento com o trabalho e responsabilidade estiveram presentes todo o tempo. Chegamos até a apresentar a atividade aos pais.

[...] tudo foi registrado de modo que pudéssemos lembrar a sequência da nossa composição. Ensaíamos bastante, pois, para estar frente à plateia, era preciso que cada criança soubesse exatamente o que fazer. [...] no momento da apresentação, montei uma estrutura de madeira com um pedaço grande de papel pardo onde colamos as ilustrações. Assim, as crianças ficaram escondidas e o público ouviu a história, como no rádio.

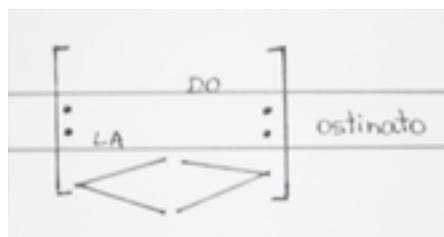


Figura 6. Notação.

A partir de elementos de notação musical trabalhados em aula, fomos registrando cada etapa do trabalho, a fim de darmos continuidade, ou seja, fomos criando gráficos de sons que, da maneira mais clara possível, nos permitissem lembrar a composição.

Preciosidades

Mil pássaros

Sete histórias de Ruth Rocha contadas pela própria autora, incluindo canções do selo Palavra Cantada. Sugerem temáticas como diversidade e respeito às diferenças que são abordadas com muita expressão.

http://www.4shared.com/file/wJX28eto/Palavra_Cantada-Mil_Pssaros-Ru.htm

Bia Bedran

Apresenta *shows* em que a contação de histórias é acompanhada pela interpretação de músicas e trilhas sonoras ao vivo. Além disso, ministra cursos onde compartilha técnicas e estratégias didáticas com professores.

Macaquinho sai daí: <http://www.youtube.com/watch?v=9NrOMDp1FSU>

Palavra Cantada

O selo Palavra Cantada produz CDs e DVDs com músicas e histórias para o público infantil.

Irmãozinho: <http://www.youtube.com/watch?v=XcL-jm12MhI&feature=related>

Os saltimbancos

Musical infantil de Sergio Bardotti e Luis Enríquez Bacalov, com versão em português de Chico Buarque. Inspirado no conto *Os músicos de Bremen*, dos Irmãos Grimm, narra de forma bem-humorada a condição e os direitos dos trabalhadores. Quatro animais desiludidos com o tratamento recebido pelos seus patrões abandonam seus postos, tornando-se saltimbancos.

Clarice Lispector

As histórias do CD *Doze lendas brasileiras* contam "causos" populares narrados por diferentes atrizes e resultam da paixão da escritora pelo folclore do país.

http://www.4shared.com/get/8TEiy5rv/Audiolivro-Doze_lendas_brasile.html

Contos, cantos e acalantos

CD de José Mauro Brant, produzido a partir de pesquisa de canções e histórias do folclore brasileiro, que permanecem através da tradição oral.

Lá vem história

Com Bia Bedran. DVD originado da série *Lá vem história*, da TV Ratimbum – TV Cultura SP. O trabalho contém lendas do Brasil, cujas histórias são sonorizadas a partir de uma grande variedade de instrumentos musicais.



Para saber mais

<http://ebooksgratis.com.br/livros-ebooks-gratis/literatura-nacional/infanto-juvenil-e-entretenimento/audiobook-palavra-cantada-mil-passaros-sete-historias-de-ruth-rocha-sandra-pires-e-paulo-tatit/>

<http://repertoriosinfonico.blogspot.com/2007/07/prokofiev-alexandre-pedro-e-o-lobo.html>



Referências

BOZZETTO, A. A música do Bambi: da tela para a aula de piano. In: SOUZA, J. (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 107-118.

BERGMANN, L.; TORRES, M. C. Vamos cantar histórias? *Revista Conjectura*, v. 14, n. 2, p. 187-201, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/23/22>>. Acesso em: 28 nov. 2010.

BRITO, T. *Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança*. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

FRANÇA, C. Sopa de letrinhas: notações analógicas (des) construindo a forma musical. *Música na Educação Básica*, n. 2, p. 8-21, 2010.

FREDERICO, R. O conto sonoro, uma forma de explorar a escrita musical. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas: Unicamp, 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss18_02.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2010.

MARIANI, S. Émile Jacques-Dalcroze. In: MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. p. 25-54.

MATTE, A. C. F. *Abordagem semiótica de histórias e canções em discos para crianças: o disco infantil e a imagem da criança*. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SCHAFER, M. *A afinação do mundo*. Tradução de Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Unesp, 2001.